

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÁS
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

NUBIANA DIVINA DA ABADIA

**A CIDADE E O URBANO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO
GOIANO**

GOIÁS - GO
2012

NUBIANA DIVINA DA ABADIA

**A CIDADE E O URBANO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO
GOIANO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Goiás, para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Mello

**GOIÁS - GO
2012**



NUBIANA DIVINA DA ABADIA

**A CIDADE E O URBANO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO
GOIANO**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual de Goiás, pela seguinte banca examinadora:

Aprovada em ___ / ___ / ___.

Professor Doutor Marcelo de Mello – UEG

Professor Mestre José Alberto Evangelista – UEG

Professor Mestre Vinicius Polvin Bruciaki – UEG

Dedico este trabalho a minha família,
em especial minha querida mãe Divina.
E também ao meu professor Marcelo
de Mello que não mediu esforços para
contribuir nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que diz a nós: Venham a mim, todos os que estão cansados e oprimidos, e eu vós aliviarei.

Ao meu pai Sebastião e minha irmã Núbia que juntos de Deus, abrem meus caminhos e tiram as pedras que eu venha a tropeçar.

A minha grande inspiração de como ser mãe, a minha querida e amada mãe Divina.

A minha irmã Suzana que e meu apoio nas horas difíceis da minha caminhada.

E a minha tia Lausimar que é uma pessoa importante não só na minha vida, mas na de minha mãe e de minha irmã.

Aos meus avôs (in memória) e avós que mim ensinaram o valor do amor, da amizade e o significado de uma vida a dois.

E ao meu orientador e mestre Marcelo de Mello que soube compreender as horas difíceis e não mediu esforços para a mim ajudar na busca pelo conhecimento.

E de uma forma geral a todos meus familiares, colegas e amigos em especiais aqueles que estavam ao meu lado (Nathana, Marluci, Natália, Jaqueline, Ana Michele e Fernando(s)) que sempre acreditarão na minha vitória pessoal, e todos os dias passavam forças para que eu não mim desanimasse na minha busca pelo conhecimento.

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.

Cora Coralina

RESUMO

A teoria defendida por Henri Lefebvre nos faz acreditar que a formação da cidade é um resultado da industrialização constante, que é a responsável também pelas transformações no espaço moderno. Estas transformações fazem com que nos seres humanos nos identifiquemos com um espaço próprio, caracterizado por nossas afeições como o espaço vivencial que nada mais é que nossa casa dentro de nossa própria cidade. Cidade ideal pautada nas diversidades culturais, porém ilusória o que temos de real é uma cidade segregadora. Aproveitado assim de dois momentos distintos vividos pelos goianos, onde a Cidade de Goiás antiga Vila Boa seria o atraso e a outra realidade seria a criação de Goiânia o progresso para o Estado de Goiás. Sendo assim, usando as lógicas queríamos investigar como essa cidade do período colônias foi absorvida pelo Estado moderno, revelando as redefinições de suas lógicas urbanas, sobretudo as que indicassem as transformações do uso de seus espaços urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: Industrialização. Habitar. Espaço Urbano.

ABSTRACT

The theory advocated by Henri Lefebvre makes us believe that the formation of the city is a result of industrialization constant, which is also responsible for the transformations in modern space. These changes make us humans identify with their own space, characterized by our affections as the living space that is nothing more than our home in our own city. Ideal city ruled by cultural diversities, however illusory what we need is a real city segregated. Passed thus two distinct moments experienced by Goiás, where the ancient city of Goiás Vila Boa would delay and another reality would be to create Goiânia progress for the state of Goiás So, using the logic we wanted to investigate how this city period colonies was absorbed by the modern state, revealing resets its logical urban, especially those that indicate the changes in the use of its urban spaces.

KEY-WORDS: Industrialization. Dwell. Urban Space.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 01- Localização do Município de Goiás na Mesorregião Noroeste e microrregião Rio Vermelho do Estado de Goiás.....	21
Foto 01- Rua do Bairro João Francisco.....	29
Foto 02- Rua do Centro Histórico.....	30
Gráfico 01- Idade dos moradores entrevistados do Bairro João Francisco/2012.....	30
Gráfico 02- Idade dos moradores entrevistados do Centro Histórico/2012.....	30
Gráfico 03- Sexo dos moradores entrevistados do Bairro João Francisco/2012.....	31
Gráfico 04- Sexo dos moradores entrevistados do Centro Histórico/2012.....	31
Gráfico 05- Atividade profissional dos moradores do Bairro João Francisco/20.....	32
Gráfico 06- Atividade profissional dos moradores do Centro Histórico/2012.....	32
Gráfico 07- Escolaridade dos moradores do Bairro João Francisco/2012.....	33
Gráfico 08- Escolaridade dos moradores do Centro Histórico/2012.....	33
Gráfico 09 - Faixa salarial dos moradores do Bairro João Francisco/2012.....	33
Gráfico 10 - Faixa salarial dos moradores do Centro Histórico/2012.....	33
Gráfico 11 - Moradores do Bairro João Francisco que já residiram em outra cidade/2012.....	34
Gráfico 12 - Moradores do Centro Histórico que já residiram em outra cidade/2012.....	34
Gráfico 13 - Cidade em que os moradores do Bairro João Francisco já residiram/2012.....	35

Gráfico 14 - Cidade em que os moradores do Centro Histórico já residiram/2012.....	35
Gráfico 15 - Moradores entrevistados do Bairro João Francisco que trabalham em Goiás/2012.....	35
Gráfico 16 - Moradores entrevistados do Centro Histórico que trabalham em Goiás/2012.....	35
Gráfico 17 - Por que a cidade recebeu o Título, Segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012.....	36
Gráfico 18 - Por que a cidade recebeu o Título, Segundo os moradores do Centro Histórico/2012.....	36
Gráfico 19 - O título incluiu ou excluiu os cidadãos, segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012.....	37
Gráfico 20 - O título incluiu ou excluiu os cidadãos, segundo os moradores do Centro Histórico/2012.....	37
Gráfico 21 - Como os moradores do Bairro João Francisco percebe a cidade depois do título/2012.....	38
Gráfico 22 - Como os moradores do Centro Histórico percebe a cidade depois do título/2012.....	38
Gráfico 23 - A economia da cidade melhorou depois do título, segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012.....	39
Gráfico 24 - A economia da cidade melhorou depois do título, segundo os moradores do Centro Histórico/2012.....	39
Gráfico 25 - O Título trouxe benefícios para a cidade? Segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012.....	40
Gráfico 26 - O Título trouxe benefícios para a cidade? Segundo os moradores do Centro Histórico/2012.....	40
Gráfico 27 - Como os moradores do Bairro João Francisco vêem a transferência da capital para Goiânia/2012.....	40
Gráfico 28 - Como os moradores do Centro Histórico vêem a transferência da capital para Goiânia/2012.....	40
Gráfico 29 - Do que os moradores do Bairro João Francisco, mais gostam em Goiás/2012.....	41

Gráfico 30 - Do que os moradores do Centro Histórico, mais gostam em Goiás/2012.....	42
Gráfico 31 - Principais monumentos da Cidade de Goiás, segundo os moradores entrevistados do Bairro João Francisco/2012.....	43
Gráfico 32 - Principais monumentos da Cidade de Goiás, segundo os moradores do Centro Histórico/2012.....	44
Gráfico 33 - Principais monumentos de Goiânia segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012.....	45
Gráfico 34 - Principais monumentos de Goiânia segundo os moradores do Centro Histórico/2012.....	45
Gráfico 35 - Principais problemas de Goiás segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012.....	46
Gráfico 36 - Principais problemas de Goiás segundo os moradores do Centro Histórico/2012.....	47
Gráfico 37 - A cidade oferece tudo que é preciso? Segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012.....	48
Gráfico 38 - A cidade oferece tudo que é preciso? Segundo os moradores do Centro Histórico/2012.....	48
Gráfico 39 - Pretensão de mudar da cidade, segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012.....	48
Gráfico 40 - Pretensão de mudar da cidade, Segundo os moradores do Centro Histórico/2012.....	48
Gráfico 41 - Para onde os moradores do Bairro João Francisco pretendem mudar/2012.....	49
Gráfico 42 - Para onde os moradores do Centro Histórico pretendem mudar/2012.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
1 A CIDADE E O URBANO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO GOIANO.....	15
1.1 A formação do urbano decorrente da industrialização, segundo as teorias de Henri Lefebvre.....	15
1.2 O processo de produção do território brasileiro por meio da produção de cidades.....	19
2 O HABITAR NA CIDADE DE GOIÁS.....	22
2.1 As cidades capitais e suas lógicas produtivas.....	24
3 A POPULAÇÃO VILABOENSE E O “HABITAR” NA CIDADE DE GOIÁS.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE.....	53

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho investigou a cidade e o urbano como elementos produzidos historicamente. A princípio dedicamos esta temática em uma perspectiva geral, para depois verticalizar por sobre a realidade produzida no estado de Goiás.

Nossas investigações se pautaram na obra de Henri Lefebvre, “O direito a cidade”, que oferece a este trabalho um referencial teórico consistente no entendimento da cidade e do urbano. Lefebvre destaca que para entender a urbanização, devemos saber que ela tem origem com o processo de industrialização. Assim, a cidade é redefinida no interior desse processo, devido às acumulações de capitais, as relações e os movimentos de pessoas e mercadorias, provocando, assim, uma mudança nas relações urbanas que substituem o valor de uso pelo valor de troca.

Na concepção de Lefebvre, a compreensão da cidade e do urbano estabelece a necessidade de considerações relativas à vida cotidiana. Esta deve ser decifrada no interior de suas relações políticas, religiosas, filosóficas etc. Ou seja, não podemos criar espaços idealizados para, então, refletir sobre o real.

O presente trabalho foi estruturado em 3 (três) capítulos. No capítulo I, destacamos as teorias defendidas por Henri Lefebvre. Que evidência o processo de articulação entre a urbanização e a industrialização, apresentando-o como principal motivo das “desordens” urbanas. Através desse raciocínio destaca-se o movimento que “implodiu” a cidade.

Já no II capítulo, apontará o “habitar”, inserindo a realidade goiana por meio da Cidade de Goiás. Expondo a forma mais efetiva e simples que o homem encontrou para demonstrar sua vontade de pertencer, de estar, de se manter em segurança em sua “cidade”. Neste capítulo, ainda foi trabalhado, a questão do rompimento produzido na relação entre a cidade e sua realidade. Para o entendimento de tal rompimento foi apresentado à história da apropriação do território goiano, destacando a transferência da capital do estado. Neste contexto, foram analisadas ainda as causas da Cidade de Goiás, a antiga capital, ter sido

tratada como a cidade do atraso e Goiânia, atual capital, ocupar o lugar de cidade do progresso.

E, por fim, no III capítulo apresentará os resultados de uma pesquisa de campo que evidenciou a realidade produzida na Cidade de Goiás, após o processo de transferência da capital e tombamento de seu centro histórico. Situamos a cidade de Goiás no interior da obra, “O direito a cidade”, de Lefebvre, que trata da questão das cidades históricas como mercadoria produzida para o consumo.

1 A CIDADE E O URBANO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO GOIANO

1.1 A formação do urbano decorrente da industrialização, segundo as teorias de Henri Lefebvre

Para se pensar em urbanização temos primeiro que investigar alguns de seus conceitos. Por isso, daremos início ao nosso trabalho refletindo sobre algumas teorias de Henri Lefebvre, que discutiu este tema em diversas obras, mas, em particular, trataremos de seu livro “*O direito da cidade*”.

Segundo Lefebvre (1991) considera que a cidade moderna tem início com a industrialização, sendo este o principal motivo da transformação da sociedade. Para ele, a industrialização é a responsável pelas mais relevantes alterações do espaço urbano no mundo moderno.

Com o processo de industrialização, de acumulação de capital, temos um alargamento da urbanização, alterando, assim, o ecossistema, que, para Lefebvre, seria uma nova forma de viver em sociedade (LEFEBVRE, 1991). Sociedade marcada pela intensificação do movimento de pessoas, mercadorias, capital etc. Desde então, a cidade começa a acumular riquezas e a promover uma transformação nas relações sociais territorializadas.

O importante pensador francês afirma, ainda, que a cidade é o discurso do homem e o discurso do homem é a cidade. Portanto, a cidade é um texto a ser lido e interpretado para o entendimento de suas várias significações.

Significações legíveis, decifradas por meio da vida cotidiana: por suas relações imediatas/mediada existentes como a política, a religião, a filosofia; enfim, com aquilo que não se diz e muito menos pelo qual se escreve, mas que produz os espaços habitados, como os edifícios, os monumentos, as ruas e as praças como também pela teatralização espontânea dos encontros que nela se desenrolam, sem esquecer as festas, as cerimônias, por meio das realidades e dos sonhos de seus povos que nela estão produzidos. Dessa forma, a cidade não pode ser imaginada como um sistema determinado e/ou fechado.

Esta percepção pode viabilizar a produção do espaço urbano de maneira racional a partir de quatro funções: habitar, trabalhar, circular e lazer.

Mas a verdade é que essa realidade racionalizada de um espaço produzido não acontece, pois os subúrbios e as favelas foram criados sob a coação do impulso cego da industrialização, que produziu uma urbanização desurbanizante, onde ao redor da cidade se instala uma periferia desurbanizada e, no entanto, dependente da cidade. Essa forma de reproduzir o espaço urbano promoveu centros urbanos cada vez maiores e mais contraditórios, ao mesmo tempo em que os núcleos urbanos antigos se deterioravam. Assim, ao redor da cidade foram sendo construídas periferias desurbanizadas¹ por processos segregadores. Como afirma Lefebvre (1991, p. 18)

[...] Com efeito, os “suburbanos”, os dos “pavilhões” residências, não deixam de ser urbanos, mesmo que percam a consciência disso e se acreditem próximos da natureza, do sol e do verde. Urbanização desurbanizante e desurbanizada, pode-se dizer para ressaltar o paradoxo.

Nesse contexto, as grandes cidades passaram a apresentar uma malha urbana desigual, marcada, principalmente, pela mudança do modo de vida de uma população oriunda de um êxodo rural relativamente recente. As periferias dessas cidades tornaram-se densamente povoadas, com lotes de terras cada vez menores para atender as demandas de especuladores do solo urbano.

A ação dos especuladores esta firmada em relações de troca, em que a cidade é o lugar privilegiado: trocas comerciais, comunicacionais, de informações e de fluxo. Nela temos vários espaços, cada qual apropriado para certas relações, fazendo-nos recordar do valor de troca e do valor de uso de Lefebvre (1991, p. 12)

O núcleo urbano torna-se, assim, produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia, suburbanos. Sobrevive graças a este duplo papel. Lugar de consumo e consumo do lugar. Assim, os antigos centros entram de modo mais completo na troca e no valor de troca, não sem continuar a ser valor de uso em razão dos espaços

¹ É a formação das favelas ao redor das cidades gerando assim uma periferia desurbanizante e, no entanto, depende da cidade.

oferecidos para atividades específicas. Tornam-se centros de consumo.

Neste contexto, é atribuído um novo papel para a cidade e o urbano através de suas novas relações com o seu real valor, tanto de uso como de desejo. Segundo Proença (2011, p. 49)

O valor de uso dos locais, dos monumentos e das diferenças, escapa ao valor de troca e de mercado. O urbano transforma-se naquilo que ele sempre foi, lugar de desejos, de contradições, de equilíbrio permanente, momento do lúdico e do imprevisível. Eis uma contradição crítica, se por um lado se manifesta a “destruição da cidade”, por outro existe a tendência à intensificação do urbano.

Torna-se, portanto, necessário ler os códigos com que a cidade se diz, na sua estrutura e teia de significações, nas suas continuidades e descontinuidades históricas. Enquanto projeção de uma realidade sobre o terreno, a cidade foi ao longo do tempo, objeto de mediações. A cidade foi o lugar, o produto das mediações e o terreno das suas atividades. Podemos conceber a cidade como uma escrita, como uma meta-linguagem e a sua leitura como uma interpretação do espaço social, que não pode esquecer a vida do quotidiano, como os seus encontros e desencontros, as suas necessidades e aspirações, a fruição e a privação.

Na busca de uma compreensão desta realidade, perceber que a cidade se distingue do urbano, pois o urbano surgiu como um discurso que promove a “destruição da cidade”. Ele assegura um novo conceito envolvido por simultaneidades, que nada mais são do que campos de encontros e de trocas definidoras de funções; promovendo a necessidade de novas reflexões, novas compreensões da centralidade do espaço como lugar de reencontro, de fluxos e de monumentos.

Sobre esta perspectiva, podemos fazer referência à ideia de centralidade no espaço urbano. Para Proença (2011, p. 48).

[...] Ela é a forma do urbano por excelência; esta forma assume a estrutura centro-periferia, com as funções sociais, as relações com o trabalho, a produção e a reprodução, a relação entre o centro histórico e o tecido urbano moderno. A relação que se estabelece é uma relação entre forma e conteúdo.

Sendo assim, a centralidade apresenta uma estrutura pautada nas relações centro-periferia: relações de trabalho, de produção, de reprodução, a partir da relação entre o centro histórico e o tecido urbano moderno. Dessa forma,

sabemos que não existe realidade urbana sem centro, seja comercial, seja centro simbólico ou centro de informação e decisão.

Nessa cidade, Lefebvre defende a necessidade de habitar (1991, p. 16):

Até então, “habitar” era participar de uma vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade. A vida urbana detinha, entre outras, essa qualidade, esse atributo. Ela deixava habitar, permitia que os cidadãos-cidadãos habitassem.

Segundo Proença (2011) trabalha com esse tema em sua tese, dizendo que o modo que habitamos um lugar é o modo como ocupamos um espaço. Ou seja, é o modo como somos no mundo, tendo sempre um projetar de preocupações próprias, que faz desse ambiente que habitamos um espaço existencialmente determinado, caracterizando-o como um lugar cheio de relações familiares com as coisas ali presentes: como as cargas afetivas, temerosas e com características físicas como a luz e a sombra.

O espaço, antes mesmo de ser habitado já foi pré-ocupado. Pois nele já foram projetados medos, receios, alegrias, esperanças e expectativas de um futuro. Ele se torna um espaço com passado, com marcas de antepassados, mas, também, um espaço com futuro, no qual podemos esperar algo de bom.

Podemos ter em mente, então, que habitar está na própria essência do homem com o meio. Mas temos que saber, ainda, que habitar é o traço fundamental da condição humana na terra, revelado na forma de residir ou ainda pelo ato de construir.

Devemos, ainda, saber que habitar não é somente edificar. Habitar aponta para, além disso, sendo uma forma de demorar, de resguardar e de permanecer. É uma forma de estar em segurança, em paz, longe das ameaças exteriores. Então, habitar é a relação do homem-lugar, além disso, é o modo próprio do homem *ser-e-estar-no-mundo*, é algo além das estruturas físicas, este modo essencial de habitar dos seres vivos sobre a terra.

Como afirma Proença (2011, p. 23)

O construir das relações que garantem às pessoas, ao indivíduo, à terra e ao lugar continuarem sendo. Todas as atividades que

envolvem esse cultivar e esse crescimento estão implicadas no construir que, por sua vez, é o próprio habitar. O habitar, portanto, é o modo próprio do homem ser-e-estar-no-mundo.

O habitar consiste, em ser e estar sobre a terra, no modo de um resguardar, no recolhimento da intimidade necessário ao encontro com o ser. Mas, o homem ao habitar sobre a terra, neste modo de resguardar e preservar implica desde logo, “estar sob o céu”, e permanecer perante “os divinos”.

Como vimos anteriormente, à cidade é o discurso do homem, sendo assim, pode-se entender que a nossa relação com a cidade não é medida pela distância das coisas em termos físicos, mas pelas significações e pelos sentidos que as coisas assumem para nós. Dessa forma, temos a possibilidade do homem voltar-se a si, para compreender-se como ser-no-mundo.

Como afirma Proença (2011, p. 2)

A analítica existencial do ser-no-mundo coloca em evidência que o modo como habitamos um lugar e o modo como ocupamos esse lugar na ordem das significações ontológico-existenciais, faz desse espaço um espaço existencialmente determinado pelo modo como nos ocupamos e nos pré-ocupamos com ele. Por essa razão, o habitar é também um cultivar que permite ao homem continuar sendo, numa atividade de crescimento que implicada no construir que é, por sua vez, uma forma de habitar.

Assim, podemos considerar nossa cidade como nossa casa, como um ponto de repouso. Segundo Bollnow (apud Proença, 2011), o homem sempre terá um ponto de referência onde ele estará enraizado, sua relação com o espaço é essencial, pois é sua morada. Para compreender esse processo precisamos de um elemento importante: o caminho (a estrada). Este é um espaço diferenciado. Por meio dele alcançaremos o destino almejado.

O próximo tópico abordará o processo de produção das cidades e do modo de vida urbano no território brasileiro.

1.2 O processo de produção do território brasileiro por meio da produção de cidades

O Brasil tem em sua história arquitetônica um aspecto interessante, pois a maiorias de seus núcleos urbanos surgiram no recém concluído século XX.

Em contra partida, temos cidades que já existem há muito tempo, sendo que algumas delas passaram de seu quarto centenário; mas são poucas as cidades que guardam os seus vestígios materiais do passado.

Podemos citar como exemplo o Rio de Janeiro, fundado em 1565, que se destaca pelo seu "corredor cultural", que preserva edificações da área central arquitetadas na virada do século XIX para o XX. É importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras que foram erguidas no local. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da paulicéia colonial e imperial quase mais nada existe, e se ainda temos uma boa noção do que foi a São Paulo da primeira metade do século XX é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas, por ocasião do quarto centenário da cidade (AZEVEDO, 1958 apud ABREU, 1996).

Temos ainda outras cidades no Brasil com quarto centenário como destaca Abreu (1996, p. 8)

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas este título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou *art déco* do início deste século. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabarce de ter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isto deve-se muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído anterior, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Mas esta realidade esta sendo mudada pela atual sociedade, pois são muitas as cidades que vem trabalhando para a preservação dos lugares e de suas memórias. Esta realidade nos tempos atuais, quando a sociedade busca um futuro melhor, passa pela superação da idéia de rejeição do passado. Como vestígios desta superação temos o tombamento e a restauração como práticas reivindicadas e processadas em espaços citadinos, mesmo que, muitas vezes, isto repercuta mais em discursos do que em ações efetivas.

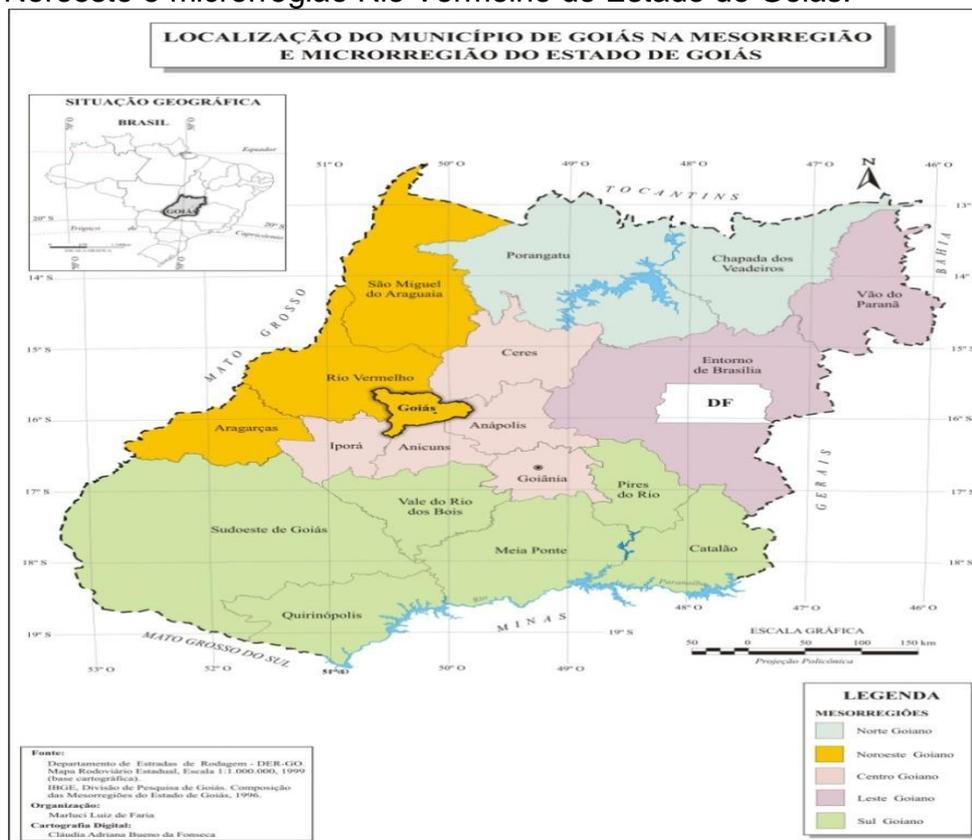
Mas através de tantas metamorfoses que as cidades passaram elas têm hoje outro papel: o de valorização e de preservação, recuperação e de restauração do que restaram das paisagens urbanas anteriores. Esta nova

realidade de preservação dos vestígios de sua história já vem sendo adotada até mesmo nas novas cidades.

É importante lembrar que, muitas vezes, esta preservação da imagem urbana, que é multifacetada, não está sendo motivada por razões identitárias. Notamos que a preservação da imagem urbana é frequentemente, apenas parte de um processo de produção de mercadorias que geram grandes lucros para diversos setores.

No próximo capítulo trataremos de um caso particular produzido no Estado de Goiás. Trataremos da Cidade de Goiás que se localiza na microrregião Rio Vermelho, pertencente à Mesorregião Noroeste do Estado de Goiás, conforme pode ser observado no mapa 1, uma cidade tombada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) que apresenta elementos interessantes para uma análise crítica.

Mapa 01 - Localização do Município de Goiás na Mesorregião Noroeste e microrregião Rio Vermelho do Estado de Goiás.



Fonte - IBGE, Divisão de Pesquisa de Goiás. Composição das mesorregiões do Estado de Goiás (1996).

Org.- FONSECA, C. A. B. da. (2011).

2 O HABITAR NA CIDADE DE GOIÁS

Por diversas razões podemos encontrar na Cidade de Goiás inúmeros caminhos para a compreensão de seu espaço. Sejam pelos seus monumentos históricos ou até mesmo pelas próprias casas, pontes e ruas.

Nesta cidade, a casa é o centro do espaço vivencial e da existência desde o século XVIII. No decorrer do tempo, este espaço certamente passou por inúmeras transformações. Mas, independente do momento, o homem produziu um espaço em que se sentiu enraizado, um centro que pôde habitar: um lugar para o seu regresso.

Contudo, temos a seguinte compreensão: a casa e o habitar se convertem em um núcleo do espaço vivencial. O modo como vivemos nos espaços da casa se tornam diferentes, quando comparamos com as experiências vividas em outros espaços.

Então, habitar é estar em casa, estar enraizado e pertencer a ela, partindo do princípio que o ser humano tem uma forte ligação com sua casa: ele funde-se a ela.

Para se entender a importância da cidade para nós, temos que reforçar a idéia que a cidade e o urbano são duas coisas totalmente diferentes, como afirma, Santos (apud Abreu, 1996, p. 19).

Não se deve confundir o urbano com a cidade. O urbano teria como referencial o abstrato, o geral, o externo. A cidade diria respeito ao particular, ao concreto, ao interno.

Em outras palavras, a história do urbano seria a história das atividades que se realizam na cidade, não numa determinada cidade, mas no ambiente urbano de modo geral. Seria, portanto, a história do emprego não agrícola, das classes urbanas, da divisão do trabalho entre cidade e campo e dentro das próprias cidades, a história, enfim, da socialização na(s) cidade(s). A história da cidade seria outra coisa. Seria a história dos processos sociais que se materializam de forma mais objetiva: a história dos transportes, a história da propriedade, da especulação, da habitação, do urbanismo, da centralidade. (SANTOS 1994; 69-70).

Dessa forma, as cidades arquitetam a possibilidade da liberdade, idealizam uma vida em harmonia entre o homem e a natureza, que na verdade

não acontece, pois eles determinam uma nova forma de separatismo, isto acontece pela sua origem e/ou categoria social.

Assim acontece em toda parte, até mesmo em nossa Cidade de Goiás. Podemos notar está desarmonia entre o homem e a natureza por meio dos desmatamentos provocados pelos produtores rurais para aumentar sua área de pastagens, bem como através da segregação ditada pela valorização diferencial do solo urbano.

A segregação é uma realidade, portanto, a idéia de viver em conjunto não tem mais significado algum desenvolvendo, assim, grandes problemas culturais e políticos: a sociedade não se mistura, desejando mesmo o isolamento.

A cidade ideal, pautada na integração das diversidades cultural e étnica não existe. O que existe é a cidade fragmentada e fragmentadora, onde cada qual reside no “seu” lugar, a partir de forças mais ou menos coercitivas.

Esta realidade está presente em todas as partes, até mesmo na tombada cidade de Goiás. Na ex-Vila Boa², alguns bairros são designados, pelos próprios moradores, como bairros pertencentes aos ricos, como é o caso do centro histórico da cidade, enquanto outros bairros são qualificados como lugar de moradia para os “pobres”.

A fragmentação do espaço e cada vez mais clara. A cada dia o urbano desconfigura mais a cidade, dissolvendo suas características comunitárias. É assim na Cidade de Goiás: as áreas tombadas são caracterizadas pela presença dos monumentos e das habitações da elite Vilaboense, já os bairros periféricos estão repletos de pessoas marcadas pela posição marginal nas suas relações com os agentes públicos responsáveis pela gestão desse espaço urbano.

Este processo segregador gera, na cidade, concentrações espacialmente distribuídas de cidadãos não contempladas por políticas públicas. Esta concentração é uma prova da diferença com que o Estado Republicano trata os cidadãos. Em muitos casos, formam-se bolsões de pobreza percebidos por

² Nome da cidade de Goiás nos tempos em que era capital estadual.

meio da paisagem, que denuncia uma realidade desigual em processo de expansão.

2.1 As cidades capitais e suas lógicas produtivas

Depois dessa análise teórica de alguns conceitos sobre a cidade e o urbano, daremos início a uma comparação de dois momentos distintos: começaremos tratando da Cidade de Goiás como a cidade do passado, comparando-a com a atual capital, Goiânia, como a cidade do futuro. Desse modo, analisaremos o processo de (re) estruturação da Cidade de Goiás.

As descobertas de riquezas minerais no interior do Brasil acabaram despertando uma participação mais efetiva da coroa portuguesa no processo de ocupação do sertão brasileiro. O objetivo da Metrópole era garantir a apropriação das riquezas encontradas no solo da *interland*.

No decorrer da colonização das terras brasileiras tivemos várias bandeiras³ que adentraram no seu território. Estas tinham por objetivo explorar riquezas. Para nossa pesquisa, as bandeiras que mais interessam são as que saíram do estado de São Paulo com destino ao extremo norte de Goiás. Os expedicionários se locomoviam no interior do país por meio de canoas, através dos rios Paranaíba, Tocantins e Araguaia. Para retornar a São Paulo utilizavam o rio Tietê. Estas expedições duravam cerca de dois a três anos. Mais tarde, eles se utilizaram de muares para realizarem viagens por terra, atravessando o território goiano (PALACIN; MORAIS. 1994).

A bandeira do Anhanguera, que viria descobrir as minas de Goiás, saiu de São Paulo no dia 03 de julho de 1722. Os expedicionários enfrentaram muitas dificuldades para chegarem ate objetivo final, muitos se perderam pelo caminho, outros morreram. Porém, o Anhanguera afirmava que preferia a morte, ao fracasso dessa bandeira. No fim, ele teve sorte, pois achou ouro na cabeceira do Rio Vermelho no dia 21 de outubro de 1725. Foi neste, momento que teve início a

³ Expedições realizadas por homens com o apóia da coroa portuguesa para buscar novas riquezas no interior dos sertões.

fundação do Arraial de Sant' Ana. Algum tempo depois, este Arraial seria chamado de Vila Boa e, posteriormente, de Cidade de Goiás (PALACIN; MORAES. 1994).

Podemos destacar a mineração como atividade responsável pelo povoamento no estado de Goiás. Cabe ressaltar que a mineração foi responsável tanto pela formação, como pelo desaparecimento da população urbana. Isto porque assim que a extração mineral foi suspensa houve uma retração no quantitativo de habitantes no núcleo urbano, com a conseqüente transferência da população para os espaços rurais.

Como afirma Palacin (1976, p. 171)

A decadência nas minas significa, primeiramente, decadência da mineração. A quebra de rendimento das minas fonte de toda a atividade econômica arrasta consigo os outros setores a uma ruína parcial: diminuição da importação e do comércio externo, menos rendimentos dos impostos, diminuição da mão de obra por estancamento na importação de escravos, estreitamento do comércio interno, com tendência á formação de zonas de economia fechada e um consumo dirigido á pura subsistência, esvaziamento dos centros de população, ruralização, empobrecimento e isolamento cultural.

Devemos evidenciar que a extração do ouro, em Goiás, não era a única atividade de produção, pois a lavoura e a pecuária acabaram por conviver simultaneamente com a extração aurífera.

Palacin (1976, p. 185) qualifica estas atividades:

“O desenvolvimento da agricultura em Goiás tropeçava em dois graves obstáculos: um, com fundamento na psicologia social, era o desprezo dos mineiros pelo trabalho agrícola, o outro a legislação fiscal”.

Com o fim das atividades de extrativismo mineral, ocorreu a formação das fazendas dedicadas a atividades de subsistências, de propriedade dos Coronéis. Este período foi marcado pela oligarquia rural. Somente na segunda metade do século XIX iniciasse novas transformações em parte do território goiano. Enquanto as regiões norte e central se mantiveram estagnadas, o sudeste se aproximou da economia paulista, quando esta necessitou de novas terras para garantir seu processo de produção.

Esta aproximação pode ser exemplificada pela construção da estrada de ferro. A intenção era intensificar as relações comerciais entre Goiás e a

econômica paulista. Mais estas transformações não era bem vistas pela oligarquia goiana. Os coronéis não desejavam mudanças e sim a permanência das relações tradicionais. Por esta razão, o movimento contrário a continuidade das bases produtivas pautadas na subsistência vincularam a tradição ao atraso que caracterizava a economia e a sociedade goiana.

Como um dos marcos deste período foi a revolução de 1930, iniciada no sul do Brasil. Esta revolução avançou para o interior do país, chegando à Goiás. Este movimento foi muito importante para o rompimento das relações que davam sustentação a oligarquia. Assim, a revolução teve um papel muito claro em Goiás. Foi por meio dela que os grupos descontentes com a ordem política estabelecidas contestaram o poder dos coronéis que dominavam a política estadual (SILVESTRE 2009).

A “revolução” de 30 fez de Pedro Ludovico Teixeira o interventor do estado, a partir da definição do presidente Getúlio Vargas. Eles aproveitam o momento para transforma o cenário político e econômico, trazendo à tona a necessidade da transferência da capital.

Pedro Ludovico fundamentou a transferência da capital do estado utilizando discursos fundados em conhecimentos médicos. Mas, na verdade, ele queria a transferência da capital para desmontar as oligarquias sediadas na ex-capital.

Como afirma Arrais (2006, p. 104)

A transferência da capital, além de uma estratégia política, representou o momento da entrada de Goiás no contexto da Marcha para Oeste, fato reforçado pelas referências do presidente Getúlio Vargas sobre a importância do povoamento do interior do país.

Para proceder com a transferência da capital Pedro Ludovico Teixeira nomeia uma comissão para estudos e escolha do local para edificar a futura capital. Como afirma Arrais (2006, p. 105. Grifo do autor)

Os locais escolhidos pela comissão foram: Pires do Rio, Bonfim (atual Silvânia), Ubatam (atual Orizona) e Campinas. O processo de escolha do sítio e edificação da cidade fundamentou-se, conforme o relatório, em dois fatores: 1) o *sítio urbano* regular e dotado de uma boa drenagem, próprio para a edificação de uma capital planejada; 2) a *posição* centralizada em relação á zona de desenvolvimento do estado e da região da estrada de ferro.

Dos sítios apresentados, o de campinas (hoje bairro de Goiânia) foi o escolhido. Na justificativa de Armando Augusto de Godoy, responsável

pelo relatório sobre o sítio urbano, constava: “Campinas era admiravelmente dotada pela natureza, podendo servi de sede para uma grande aglomeração urbana, com algumas centenas de milhares de habitantes”. O referido relatório sobre a conveniência da mudança da capital atribui o atraso do estado ao fato de não ter surgido como centro urbano moderno, planejado, que impulsionasse o progresso.

Sendo assim, Goiânia entra para história como a nova capital do Estado de Goiás e torna-se, precocemente, uma cidade de grandes proporções para a realidade goiana. Como afirma Arrais (2006, p. 106)

[...] as práticas sociais instauradas ao longo das mais de seis décadas de sua inauguração contrariaram as previsões iniciais. Goiânia transformou-se em uma metrópole e como tal apresentou problemas relacionados ao transporte coletivo, ao déficit de moradia, ao desemprego, à poluição dos recursos hídricos, além da violência urbana, como as demais metrópoles brasileiras.

A industrialização/urbanização é dita como o principal fator de atração das pessoas para a capital. Como afirma a seguir Lefebvre (1991, p. 9)

Em Veneza, a população ativa abandona a cidade pela aglomeração industrial que, no continente, tem o dobro de seu tamanho: Mestre. Esta cidade entre as cidades, um dos mais belos legados das épocas pré-industriais, está ameaçada não tanto pela deterioração material devida à ação do mar ou ao afundamento do terreno quanto pelo êxodo dos habitantes. Em Atenas, uma industrialização relativamente considerável atraiu para a capital as pessoas das cidades pequenas, os camponeses. A Atenas moderna não tem mais nada em comum com a cidade arcaica, coberta, absorvida, desmesuradamente estendida. Os monumentos e os lugares (ágora, acrópole) que permitem encontrar a Grécia antiga não representam mais do que um local de peregrinação estética e de consumo turístico.

Podemos fazer uma aproximação da realidade apresentada por Lefebvre com a realidade goiana: se, a princípio, os motivos para mudar da antiga capital e, conseqüentemente, promover o esvaziamento demográfico e das forças políticas locais apresentaram como pano de fundo as condições físicas. Na atualidade, os motivos para a população deixar a Cidade de Goiás são outros com claras nuances políticas e econômicas.

Se na época da construção de Goiânia a cidade de Vila Boa foi vinculada ao atraso promovido pela estrutura oligárquica. Hoje vivemos um momento distinto. A tortuosidade das ruas não é mais tratada como um problema. Na realidade, o discurso da cidade/patrimônio histórico exalta a arquitetura e a planta urbana da ex-capital. Contudo, mesmo com este discurso, a

cidade continua expulsando a população juvenil em busca de trabalho para garantir a reprodução da vida.

Dessa forma, podemos fazer uma reflexão centrada no processo de transferência da capital Goiânia a partir de Lefebvre (1991). Para ele, não é possível compreender a cidade e o urbano a partir de leituras lineares que desconsideram as continuidades e as discontinuidades neles presentes

Para Lefebvre (1991), os fragmentos da cidade histórica se modificam, e esta cidade histórica não vive mais agora. Ela é somente um objeto de consumo cultural para turistas. Seguindo os conceitos de Lefebvre (1991), nos deparamos com esta realidade na Cidade de Goiás, que se tornou uma mercadoria para o consumo de outros.

3 A POPULAÇÃO VILABOENSE E O “HABITAR” NA CIDADE DE GOIÁS

Com o objetivo de investigar a Cidade de Goiás, por meio, de algumas contribuições trazidas por Henri Lefebvre, elaboramos um questionário que indicasse como essa cidade do período colonial foi absorvida pelo Estado moderno. Na realidade, a intenção era procurar indícios reveladores do processo de redefinição de suas lógicas urbanas, principalmente as que indicassem as transformações dos usos de seus espaços.

O questionário foi aplicado nos bairros João Francisco (foto 01) e Centro Histórico (foto 02). O primeiro é produto da expansão urbana recente de Goiás e o segundo, como o nome indica, compõe o núcleo urbano original.

Foto 01- Rua do Bairro João Francisco.



Fonte- Pesquisa de campo realizada em 2012.

Autor- ABADIA, N. D. da (2012)

Foto 02- Rua do Centro Histórico.



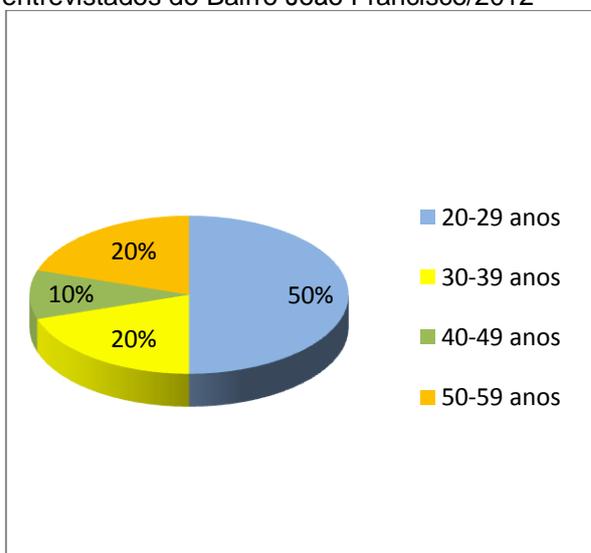
Fonte- Pesquisa de campo realizada em 2012.

Autor- ABADIA, N. D. da (2012)

Daremos início   apresenta o gráfica dos resultados, e dessa forma, iremos tecer algumas considera es relevantes entre os dois bairros da Cidade de Goiás.

Em um primeiro momento, vamos qualificar os entrevistados dos dois bairros no que diz respeito   idade e ao sexo.

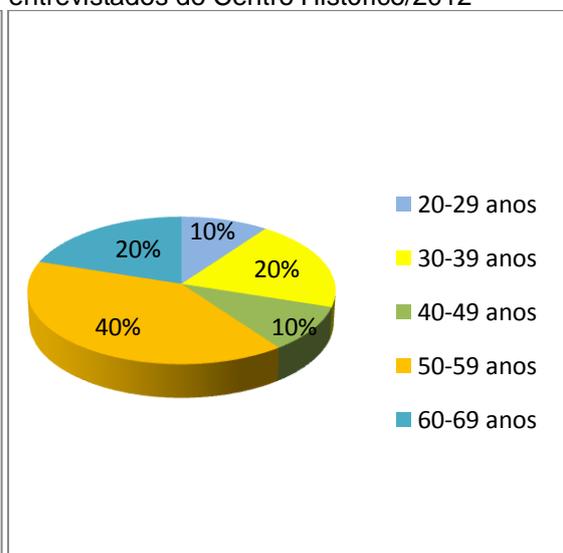
Gráfico 01: Idade dos moradores entrevistados do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)

Autor - ABADIA. N. D. da (2012)

Gráfico 02: Idade dos moradores entrevistados do Centro Histórico/2012

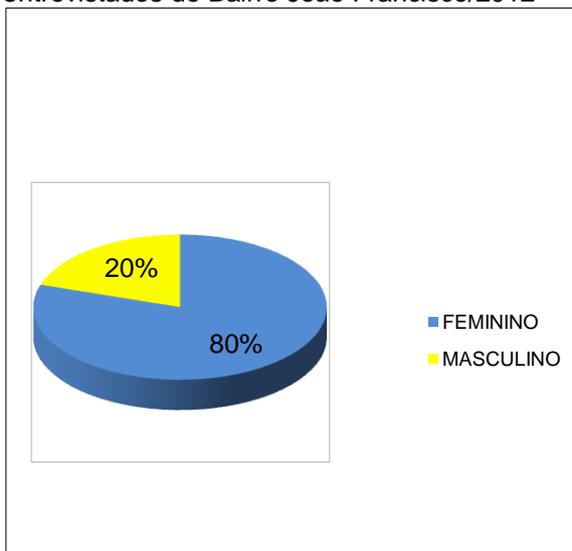


Fonte - Pesquisa de campo (2012)

Autor - ABADIA. N. D. da (2012)

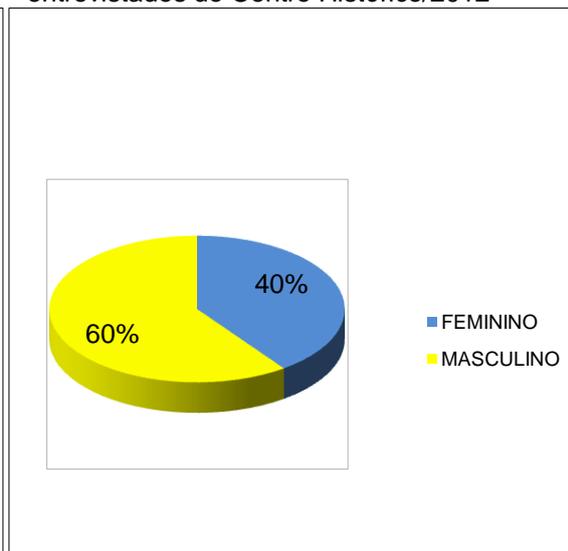
Através dessa primeira análise percebemos uma diferença na faixa etária dos moradores. No bairro João Francisco, a maior parte das pessoas entrevistadas apresentava entre 20 anos e 29 anos. Já no Centro Histórico, a população tinha entre 40 anos e 59 anos, revelando formas distintas de se posicionar durante a entrevista, pois a respostas pode ser influenciadas pela experiência de vida de cada entrevistado.

Gráfico 03: Sexo dos moradores entrevistados do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 04: Sexo dos moradores entrevistados do Centro Histórico/2012

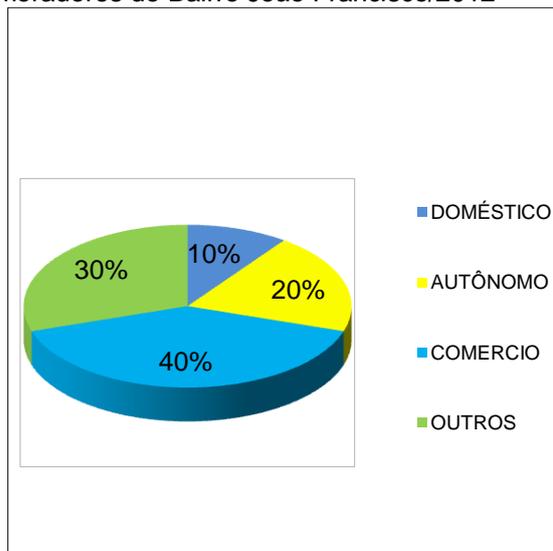


Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Em relação ao sexo, vemos que a população feminina foi maioria no bairro João Francisco, enquanto no Centro Histórico a população masculina foi mais relevante. Dado este que não interfere o objetivo da pesquisa.

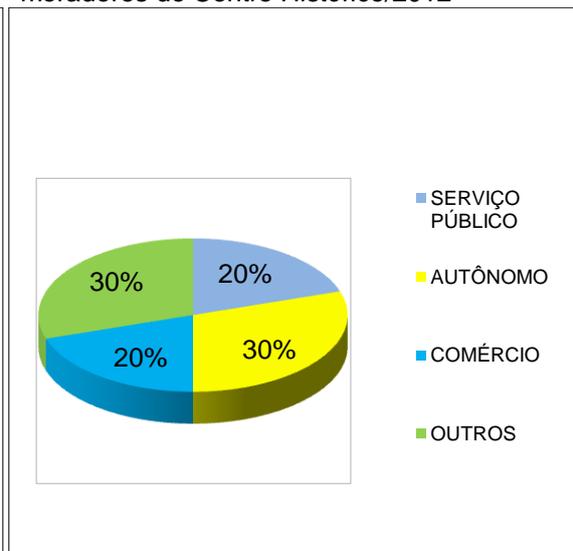
A partir de agora, os dados analisados terão grande importância para a caracterização dos moradores, como a atividade profissional, a escolaridade, a faixa salarial, a migração, dentre outros.

Gráfico 05: Atividade profissional dos moradores do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 06: Atividade profissional dos moradores do Centro Histórico/2012

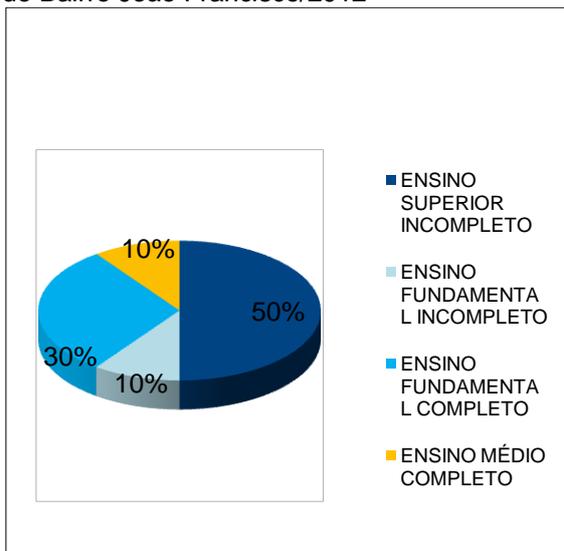


Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Percebemos, nos gráficos acima, uma diferença nas atividades profissionais dos moradores entrevistados nos dois bairros. A maioria dos moradores do bairro João Francisco trabalham no comércio, caracterizando-o como o principal centro comercial da cidade. Quanto ao Centro Histórico, percebemos uma divisão entre trabalhadores autônomos, comerciários, servidores públicos e outros (aposentados/estudantes).

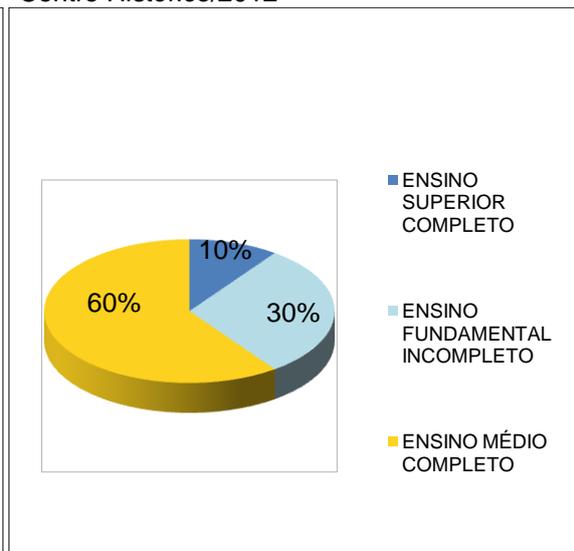
Ao considerar o nível de ensino, percebemos que o bairro João Francisco (gráfico 07) possui uma população mais jovem matriculada em cursos de nível superior, com uma porcentagem de 50% dos entrevistados. Em contrapartida, no Centro Histórico (gráfico 08), 60% dos entrevistados não estão matriculados em instituições de ensino, apresentado a conclusão do ensino médio.

Gráfico 07: Escolaridade dos moradores do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 08: Escolaridade dos moradores do Centro Histórico/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

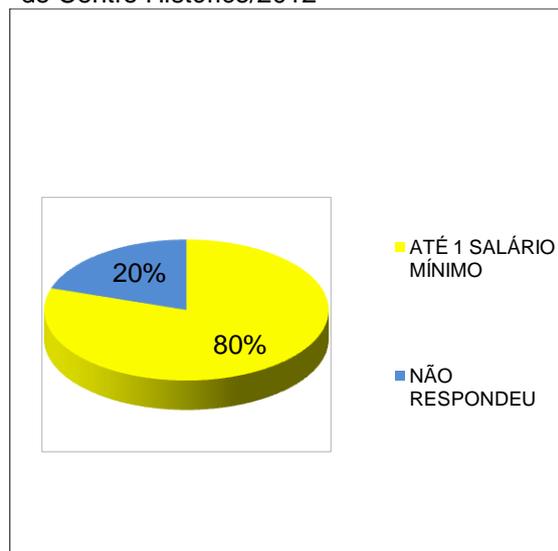
Os gráficos (09 e 10) vão caracterizar a renda dos entrevistados em seus respectivos bairros.

Gráfico 09: Faixa salarial dos moradores do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 10: Faixa salarial dos moradores do Centro Histórico/2012

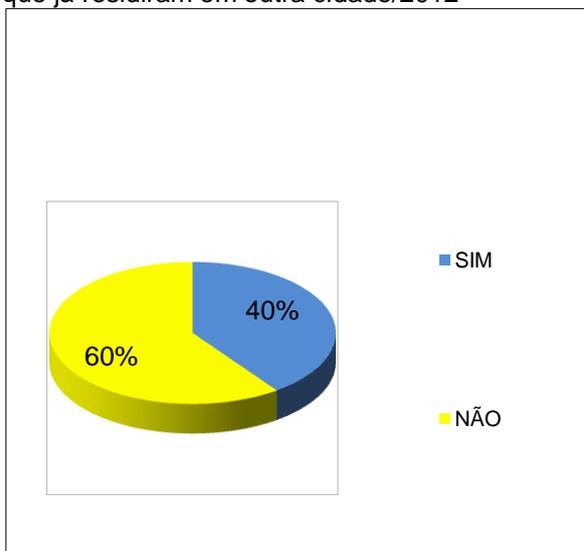


Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Como vemos, a maior parte dos entrevistados dos dois bairros afirmam que recebem até um salário mínimo, mas isto é esperado em Goiás: uma cidade estagnada economicamente. Contudo, percebemos uma diferença entre os bairros, 20% dos moradores do Centro Histórico não responderam a pergunta, deixando transparecer que tem uma renda mensal superior a um salário mínimo.

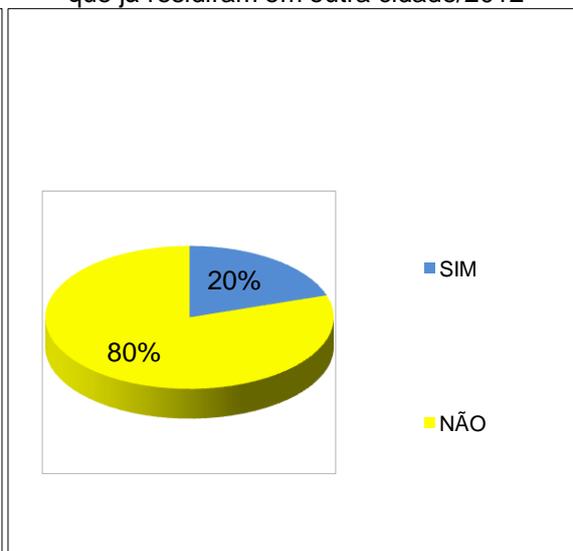
Os gráficos 11 e 12 indicam que uma parcela representativa dos entrevistados já residiram em outras cidades.

Gráfico 11: Moradores do Bairro João Francisco que já residiram em outra cidade/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

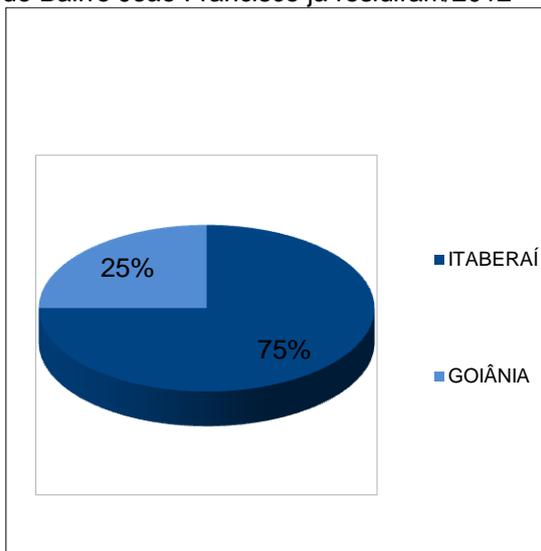
Gráfico 12: Moradores do centro Histórico que já residiram em outra cidade/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

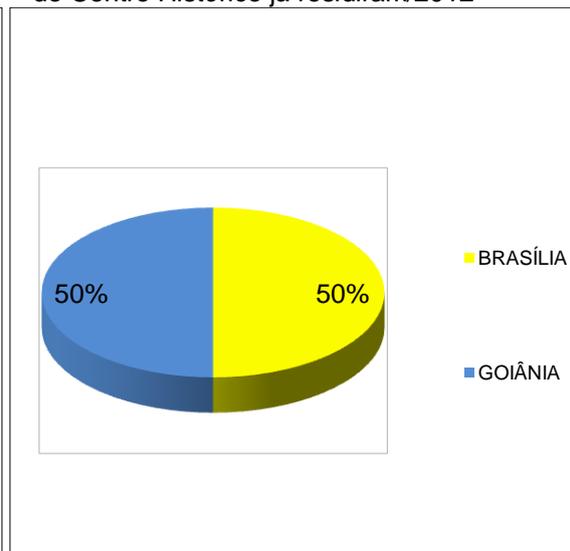
Outra informação importante está presente nos gráficos 13 e 14. Boa parte dos entrevistados do bairro João Francisco já moraram em Itaberaí. Este vínculo está relacionado com empregos temporários. Já no Centro Histórico, temos as capitais Goiânia e Brasília como cidades em que os entrevistados residiram, revelando uma outra possibilidade em suas relações.

Gráfico 13: Cidades em que os moradores do Bairro João Francisco já residiram/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 14: Cidades em que os moradores do Centro Histórico já residiram/2012

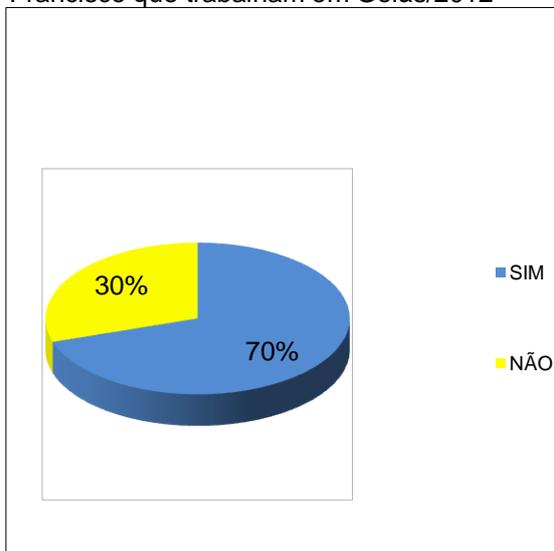


Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Quando a pergunta, é se eles trabalham na cidade de Goiás, os entrevistados dos dois bairros, apresentam realidades de uma cidade marcada por trabalhadores assalariados. E os 30% que responderam que não trabalham são os aposentados e estudantes.

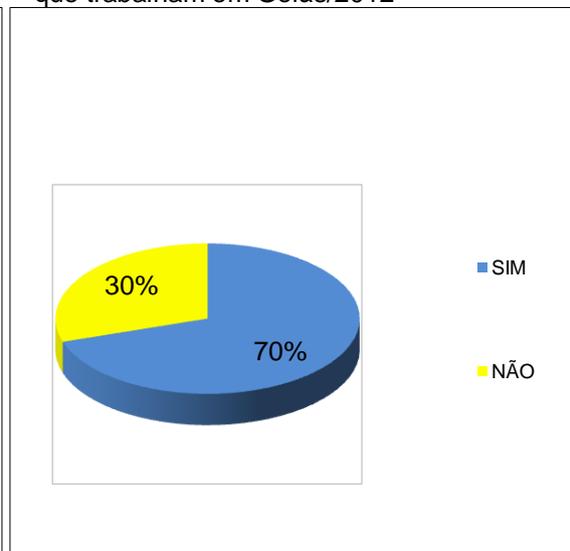
Como apresenta os graficos 15 e 16:

Gráfico 15: Moradores do Bairro João Francisco que trabalham em Goiás/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 16: Moradores do Centro Histórico que trabalham em Goiás/2012

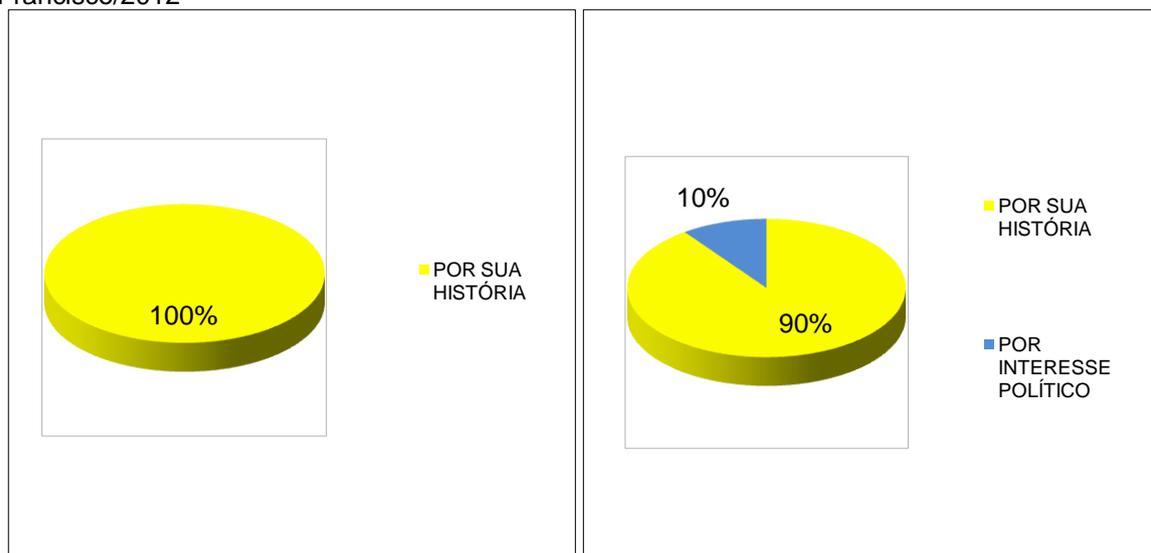


Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

As próximas informações têm como objetivo avaliar a percepção dos entrevistados em quanto a Cidade de Goiás como “patrimônio” histórico. A intenção é situar os entrevistados no contexto das concepções teórico-metodológicas elaboradas por Henri Lefebvre. Este, vincula a “cidade histórica” a cultura do consumo.

Os próximos gráficos 17 e 18 abordaram, especificamente, a questão do título concedido à cidade de Patrimônio Histórico da Humanidade. A maior parte dos entrevistados considera que a cidade recebeu este título por conta de sua história, de seus monumentos.

Gráfico 17: Por que a cidade recebeu o título, segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012 **Gráfico 18:** Por que a cidade recebeu o título, segundo os moradores do Centro histórico/2012

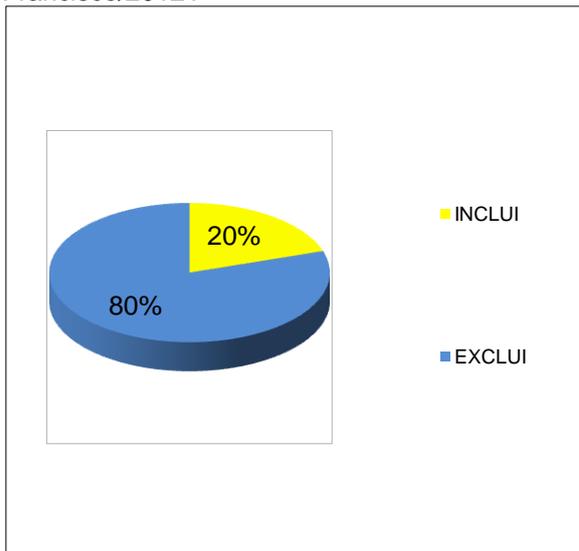


Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

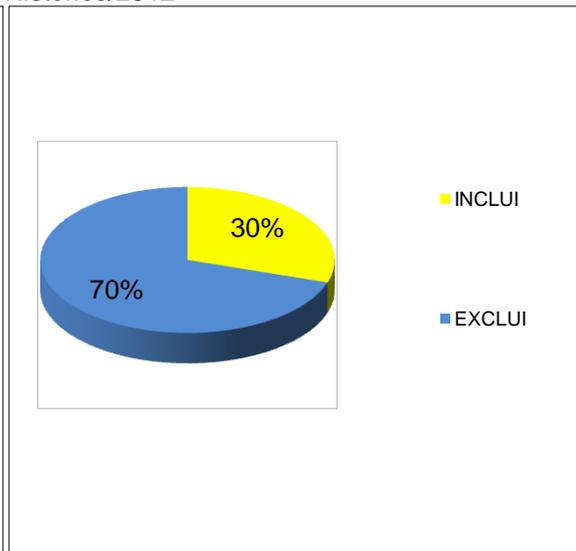
Os gráficos 19 e 20 se aproximam das considerações de Lefebvre, pois os entrevistados afirmam que o centro histórico da Cidade Goiás, tombado pela Unesco, é um espaço destinado ao consumo, excluindo os cidadãos.

Gráfico 19: O título inclui ou exclui os cidadãos, segundo os moradores do Bairro João Francisco/20121



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 20: O título inclui ou exclui os cidadãos, segundo os moradores do Centro Histórico/2012

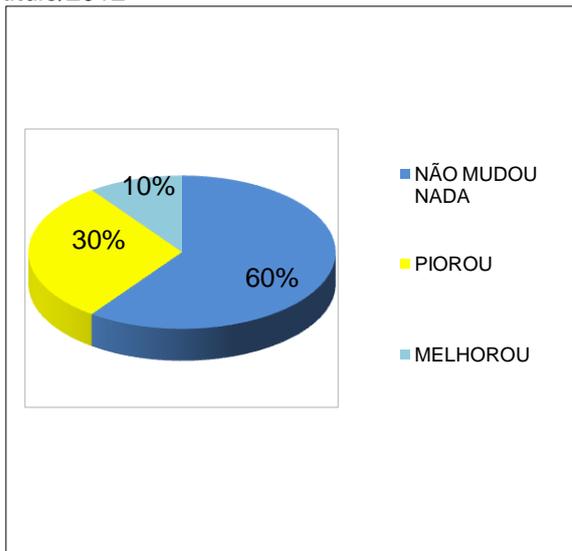


Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

A cada pergunta feita em relação ao Centro Histórico fica mas evidente a relação de distanciamento da população dos bairros com o Centro Histórico. Na realidade, mesmo alguns moradores do Centro Histórico afirmam não ter uma relação efetiva com o mesmo. É comum a afirmação que depois do título houve um afastamento da população da vida manifestada nas áreas tombadas. Estas passaram a responder a necessidades distantes da vida dos vilaboenses.

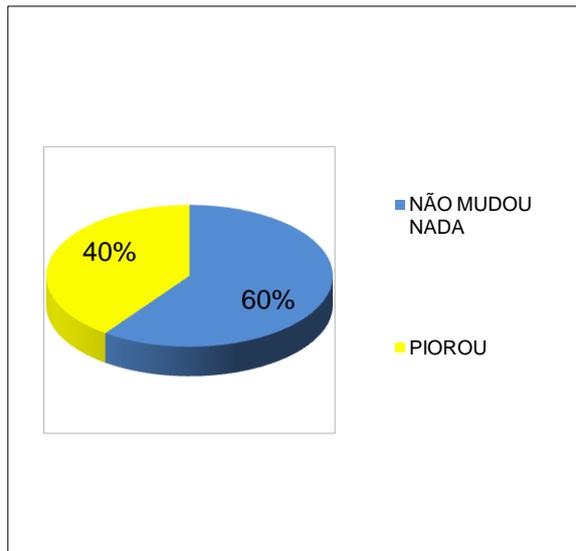
A seguir temos registros da percepção dos entrevistados sobre a cidade após a concessão do título. De forma geral, as respostas indicaram que a cidade não mudou em nada ou ate mesmo ficou pior para se viver. Nos diálogos entre a entrevistadora e os entrevistados ficou claro que segmentos específicos da sociedade utilizam o título para transformar a cidade em uma mercadoria distante do cotidiano da maioria da população da cidade. Como se observa nos gráficos.

Gráfico 21: Como os moradores do Bairro João Francisco percebe a cidade depois do título/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

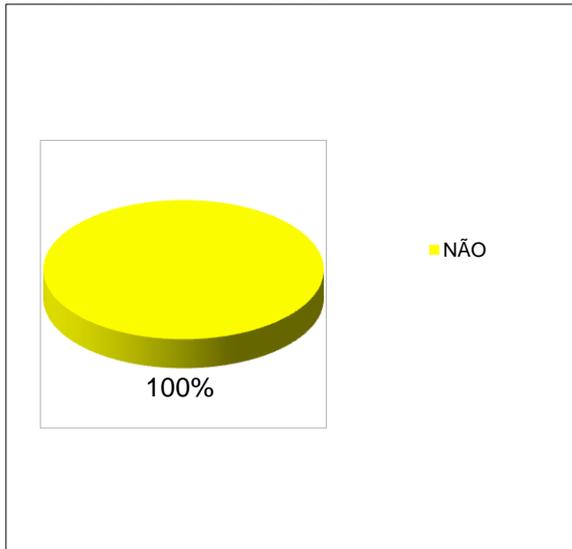
Gráfico 22: Como os moradores do Centro Histórico percebe a cidade depois do título/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

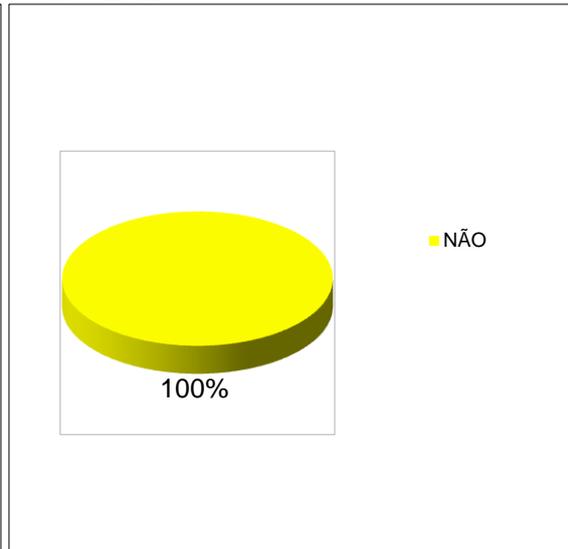
Assim, vemos que para os entrevistados “nada de bom” aconteceu na cidade após o título de Patrimônio Histórico da Humanidade. Nem mesmo quando consideramos a economia da cidade, como demonstram os gráficos 23 e 24. Muitos pensam que houve até uma piora na dinâmica da economia local. Mas como isso pode acontecer? Este questionamento é importante porque havia o entendimento de que o título iria fortalecer o setor de serviços da cidade. Para a maioria dos entrevistados, a estagnação econômica decorre de questões “políticas”.

Gráfico 23: A economia da cidade melhorou depois do título, segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 24: A economia da cidade melhorou depois do título, segundo os moradores do Centro Histórico/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Neste contexto, os dados que seguem não causam estranheza. Todas as pessoas entrevistadas deixaram claro que não houve um benefício com a “chegada” do título. O que ocorreu foi um afastamento entre a vida do centro e a vida dos bairros. Um afastamento que não beneficiou a população da cidade, como indicam os gráficos 25 e 26.

Na realidade, para a maioria dos entrevistados, disputas políticas comprometem o desenvolvimento do turismo. Por esta razão, a “cidade esta parada no tempo”.

Gráfico 25: O Título trouxe benefícios para a cidade? Segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 26: O título trouxe benefícios para a cidade? Segundo os moradores do Centro Histórico/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

É comum escutar que Goiás está se tornando uma “cidade fantasma”. Para uma parcela significativa dos entrevistados, representados pelos gráficos 27 e 28, a transferência da Capital para Goiânia trouxe para Goiás vários problemas, pois a nova cidade-capital levou a possibilidade de crescimento econômico. Entretanto, outros entrevistados afirmaram que a transferência foi indiferente ou até mesmo boa, pois a cidade tornou-se mais calma e tranquila para se viver.

Gráfico 27: Como os moradores do Bairro João Francisco vêem a transferência da capital para Goiânia/2012

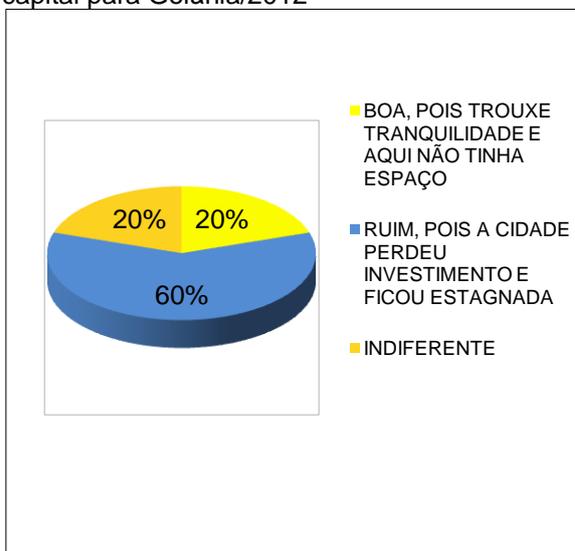
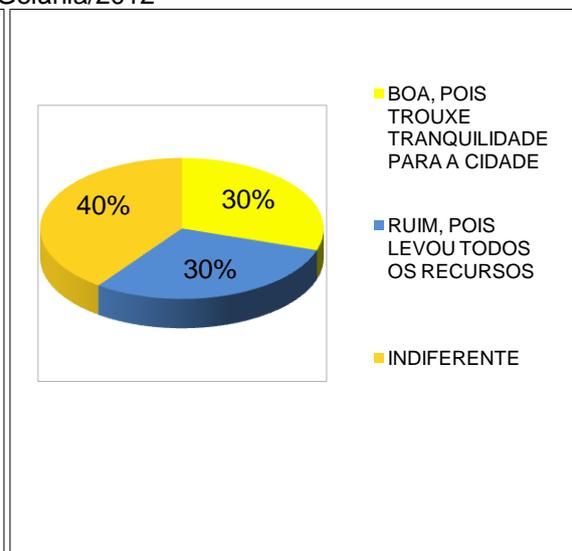


Gráfico 28: Como os moradores do Centro Histórico vêem a transferência da capital para Goiânia/2012

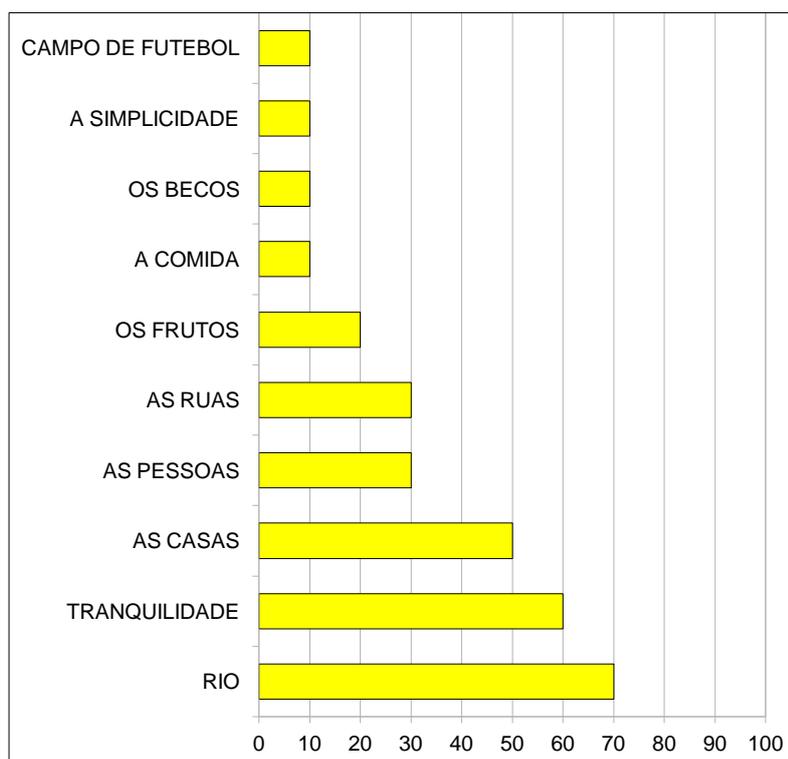


Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

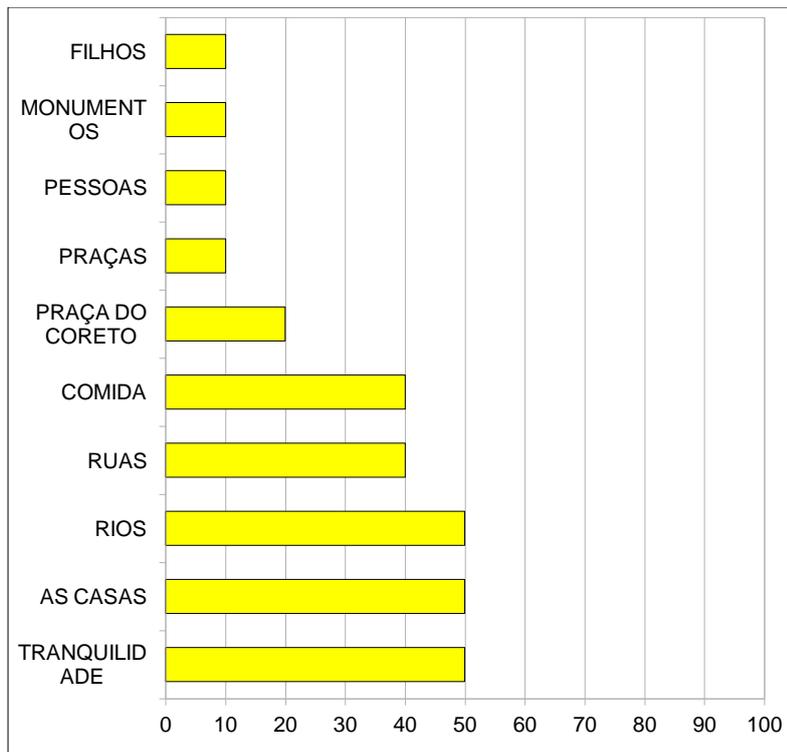
A partir desse momento, iremos analisar nos gráficos 29 e 30 as percepções que entrevistados têm sobre a cidade e seus lugares preferidos. As informações revelam o que os entrevistados mais gostam na Cidade de Goiás, deixando claro que a relação de habitar se faz presente a partir de um sentimento de pertencimento, ou não, com o espaço citadino. Vamos notar que os monumentos mais conhecidos não foram citados nominalmente.

Gráfico 29: Do que os moradores do Bairro João Francisco, mais gostam em Goiás/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 30: Do que os moradores do Centro Histórico, mais gostam em Goiás/2012

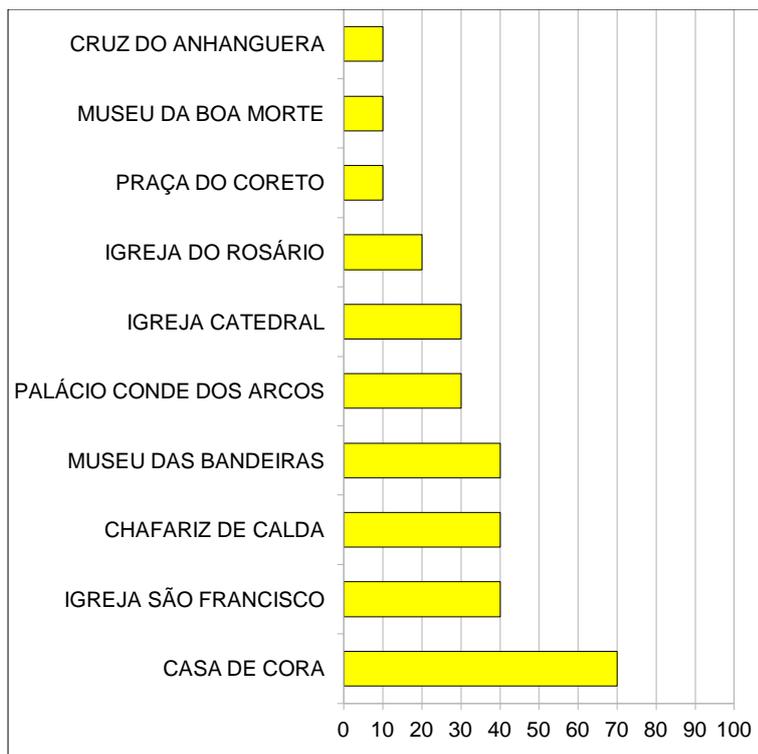


Fonte - Pesquisa de campo (2012)

Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

A Casa de Cora Coralina, como apresentam o gráfico 31 e 32, foi considerada o mais relevantes dos “monumentos” nos dois bairros pesquisados.

Gráfico 31: Principais monumentos da Cidade de Goiás, segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012

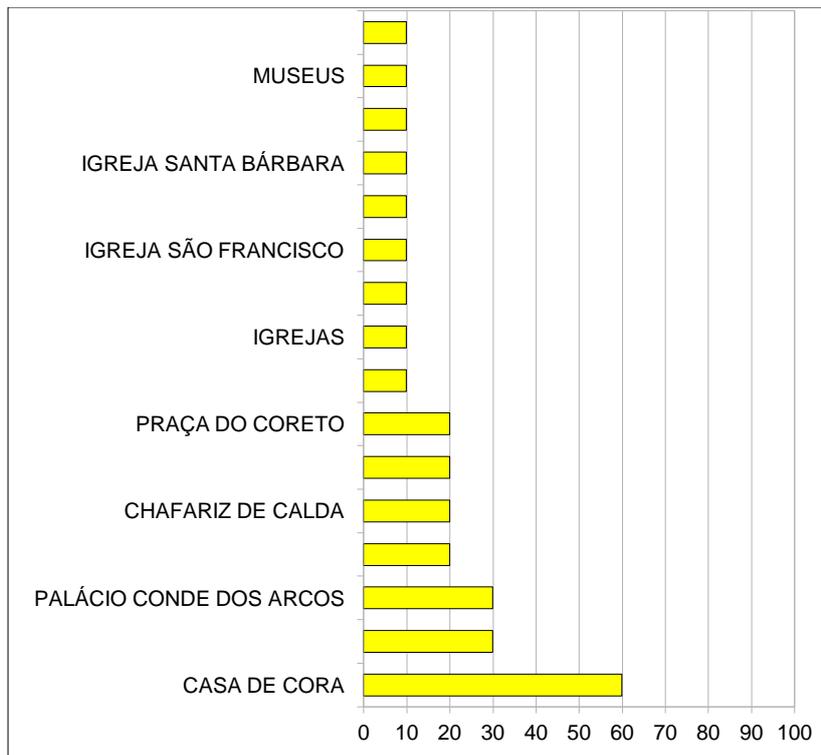


Fonte - Pesquisa de campo (2012)

Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Talvez seja pela sua importância e reconhecimento das mídias, e por ser um dos monumentos mais visitados pelos turistas.

Gráfico 32: Principais monumentos da Cidade Goiás, segundo os moradores do Centro Histórico/2012

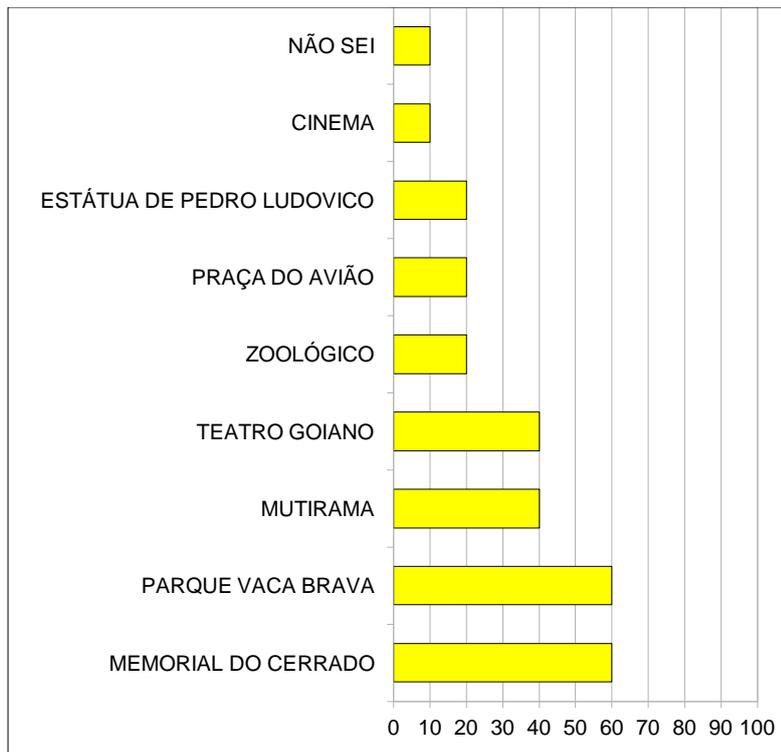


Fonte - Pesquisa de campo (2012)

Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Ao perguntarmos sobre os monumentos de Goiânia (gráficos 33 e 34) fomos surpreendidos com a seguintes resposta:

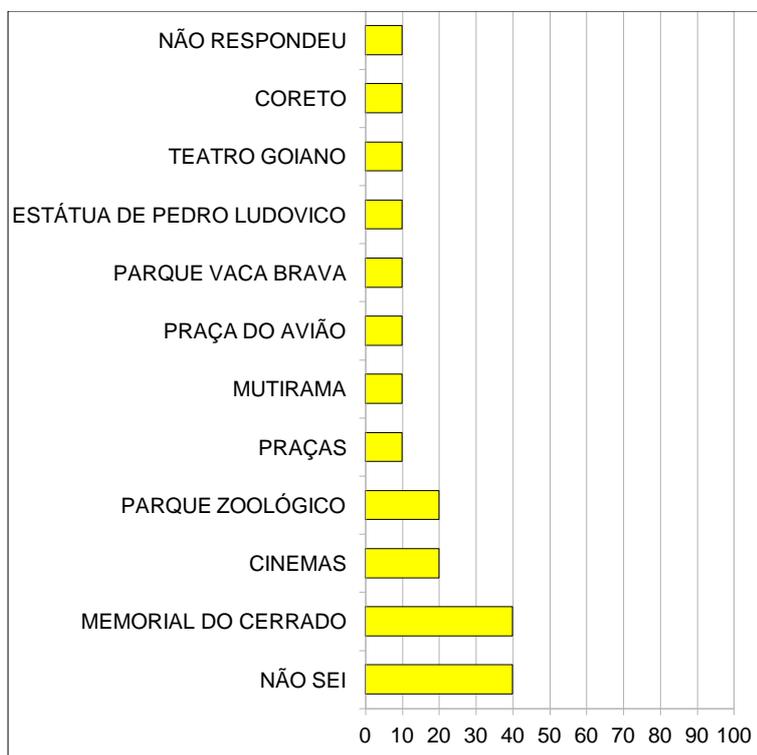
Gráfico 33: Principais monumentos de Goiânia, segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)

Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 34: Principais monumentos de Goiânia, segundo os moradores do Centro Histórico/2012



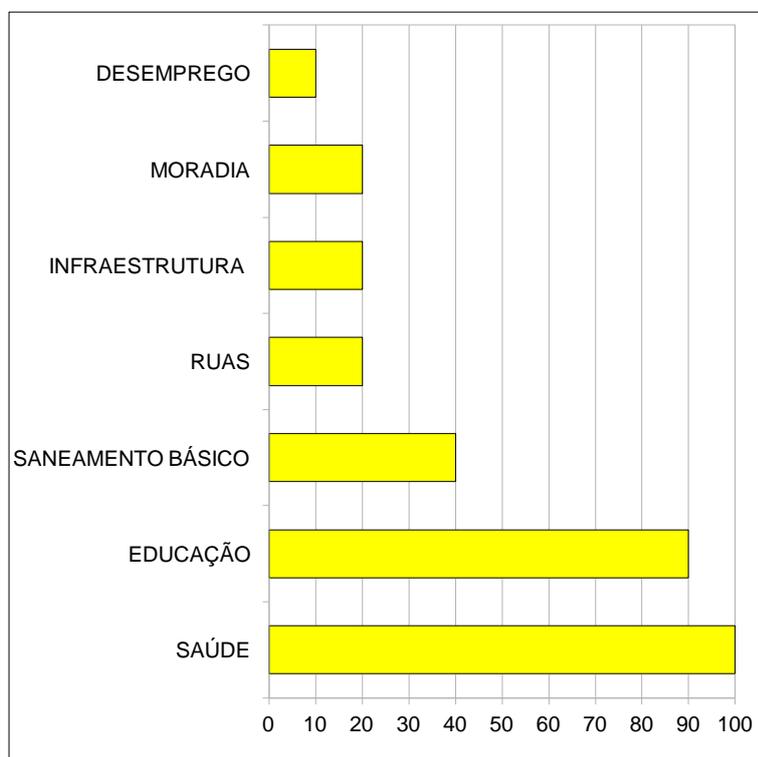
Fonte - Pesquisa de campo (2012)

Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

O principal local lembrado pelos entrevistados talvez não seja o esperado. O Memorial do Cerrado não é divulgado de maneira ostensiva pela grande mídia. Da mesma forma, não é uma produção do poder público. O que fica evidente é o êxito na divulgação desse espaço sistematicamente visitado pelos alunos das escolas de Goiás.

Nos gráficos 35 e 36, nos deparamos com um assunto de grande repercussão na cidade, que são os problemas enfrentados pela população vilaboense, onde se destaca a saúde, que vem se arrastando e prejudicando todos os moradores.

Gráfico 35: Principais problemas de Goiás, segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)

Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 36: Principais problemas de Goiás, segundo os moradores do Centro Histórico/2012



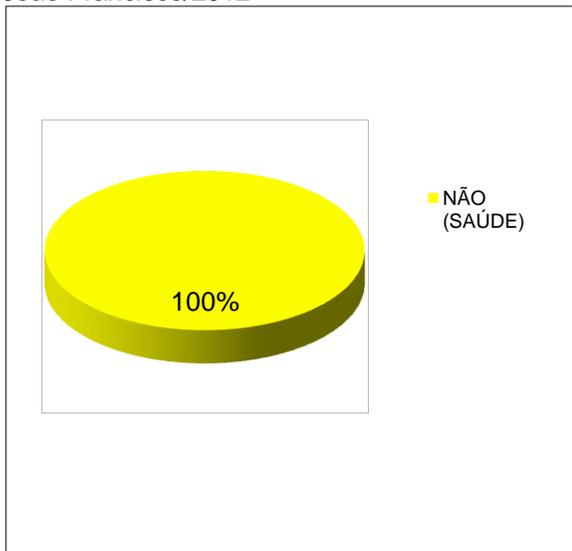
Fonte - Pesquisa de campo (2012)

Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

O que podemos perceber nas informações sistematizadas acima é a realidade vivida pela população. Esta se diz esquecida pelo Poder Público. A cidade deveria ser, segundo Henri Lefebvre, um lugar de repouso, de enraizamento, um produto do ato de pertencer de se fundir a ela. Mas o que ocorre, na Cidade de Goiás, é um processo de segregação justificado por discursos que exaltam um patrimônio histórico que, segundo os entrevistados, mais empobrece que enriquece a possibilidade da cidade ser habitada.

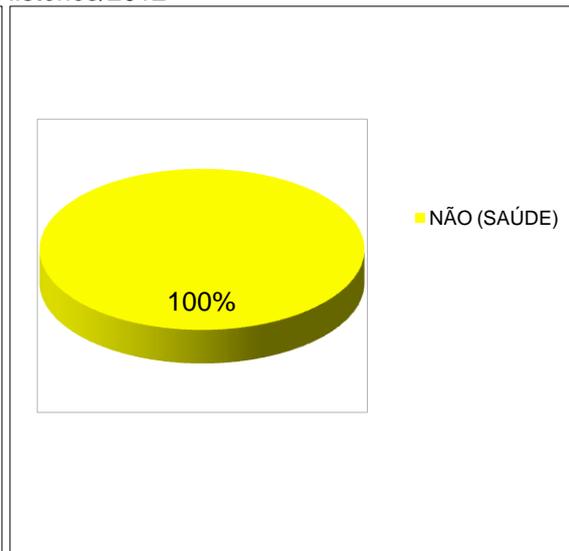
Os entrevistados deixam claro, nos gráficos 37 e 38, a repulsa que sentem pela cidade. Pois, esta, não oferece o que eles necessitam. A saúde é, muitas vezes, um elemento utilizado para exemplificar o abandono que sentem em relação a cidade. Fica claro que muitos entendem que o espaço urbano assumiu a forma de um sujeito, na realidade, de um sujeito perverso.

Gráfico 37: A cidade oferece tudo que é Preciso? Segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

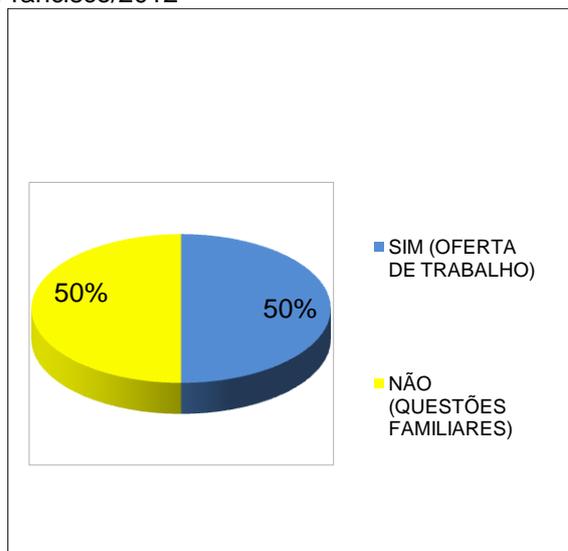
Gráfico 38: A cidade oferece tudo que é preciso? Segundo os moradores do Centro Histórico/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

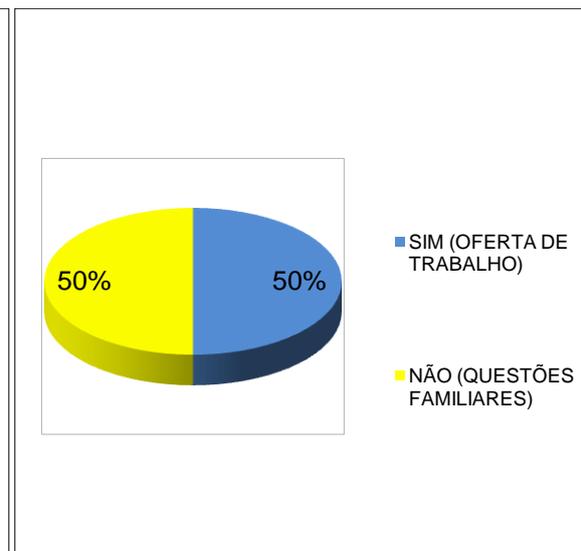
Neste contexto, evidencia-se o desejo de boa parte da população Vilaboenses de abandonar a Cidade de Goiás, com o vemos nos gráfico 39 e 40:

Gráfico 39: Pretensão de mudar da cidade, Segundo os moradores do Bairro João Francisco/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

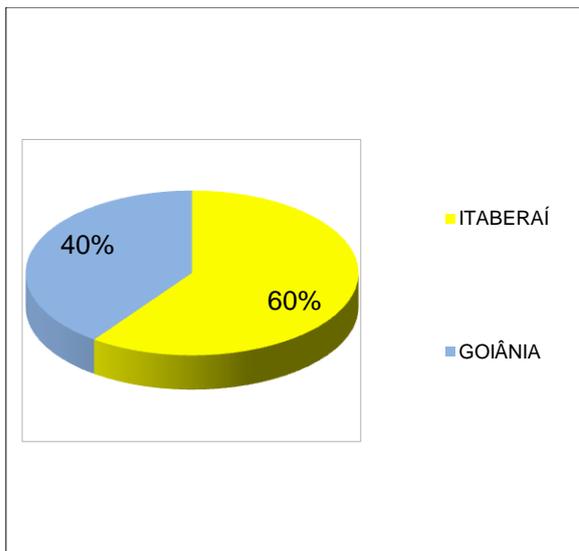
Gráfico 40: Pretensão de mudar da cidade, segundo os moradores do Centro Histórico/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

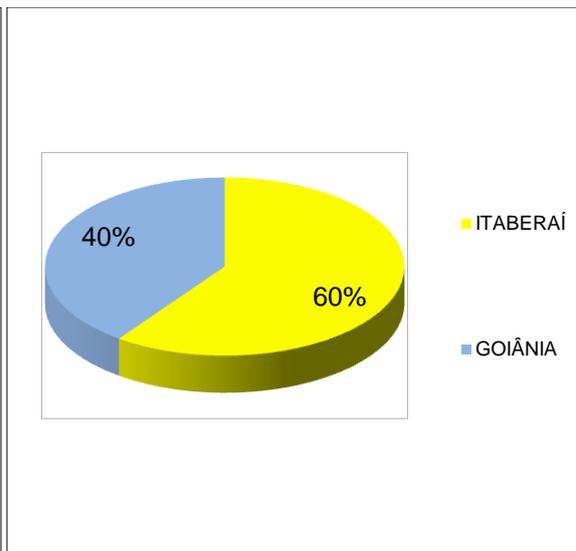
Metade dos entrevistados manifestaram a vontade de mudar de Goiás a procura de uma vida melhor em outra cidade. Mas qual seria o destino dos entrevistados? E o que veremos a seguir nos gráficos 41 e 42:

Gráfico 41: Para onde os moradores do Bairro João Francisco pretendem mudar/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

Gráfico 42: Para onde os moradores do Centro Histórico pretendem mudar/2012



Fonte - Pesquisa de campo (2012)
Autor - MESQUITA, N. L. (2012)

A maior parte dos entrevistados pretende mudar para Itaberaí, uma cidade vizinha, marcada pela possibilidade de acesso a um emprego, devido a uma série de investimentos que a cidade vem recebendo. Na visão dos entrevistados, Itaberaí tem condições de oferecer os empregos necessários a sobrevivência das famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as várias descobertas, tentativas, falhas e acertos no caminho percorrido para o desenvolvimento desta pesquisa, entendemos ser oportuno a aproximação realizada entre as teorias de Henri Lefebvre e a realidade apresentada pela cidade de Goiás: desde a sua fundação, como cidade alimentadora de um processo de colonização européia, até a sua condição de Patrimônio Histórico da Humanidade, conferida pela UNESCO, em um processo de produção de memórias urbanas tomadas como matéria-prima para a produção de mercadorias consumidas, por exemplo, por turistas de diversas partes do mundo.

A partir desta aproximação, pensamos a cidade de Goiás pela via do movimento de pessoas, mercadorias, capitais, significações. Tudo isto centrado na busca de acumulação de riquezas deflagrada no processo de industrialização/urbanização registrado na obra “O direito à cidade”. Desta forma, podemos considerar correta a inserção da “velha” cidade-capital goiana nas bases teóricas formuladas por Henri Lefebvre.

São várias as ligações entre autor e pesquisa: a forma como ele trabalha a realidade campo-cidade, o processo de degradação do espaço urbano, a migração das cidades históricas para as novas cidades criadas pela força do capital, a produção do espaço urbano destinado ao consumo, dentre tantos outros olhares lançados pelo pensador francês.

Assim, podemos acompanhar a produção de uma cidade segregadora, na qual os expulsos do campo, pela exploração das riquezas e da cumulação de capital, vão formando nas cidades favelas, guetos, periferias, que são, ao mesmo tempo, conhecidos e desconhecidos pelo poder público.

Uma das preocupações desta pesquisa foi relacionar as teorias relevantes de Henri Lefebvre como discurso da cidade histórica. Dessa forma, Lefebvre (1991) questiona a reconstituição da cidade antiga. Para ele, devemos encarar a produção, a reprodução de uma cidade por meio de novas bases.

Neste percurso, fomos convidados a realizar outra aproximação. Nossa pesquisa estabeleceu um dialogo entre as capitais do estado de Goiás: Goiânia e a Cidade de Goiás. Este diálogo foi capaz de apresentar as funções de

monumentos, discursos, planos e políticas que não podem ser vistos com neutros.

A Cidade de Goiás não pode ser pensada como uma cidade “histórica” que não vive o presente e se prende ao passado. Para Henri Lefebvre (1991), este discurso a torna um simples objeto de consumo para turistas. Isto pode ser comprovado através dos questionários aplicados na pesquisa de campo: nas conversas com a população vilaboense nota-se as insatisfações encontradas nas respostas, e, posteriormente, tabuladas e expostas graficamente.

A realidade apresentada pelos vilaboenses não indica um estado de desenvolvimento produzido por este discurso oficial. Para eles, a realidade é outra: uma cidade histórica marcada pelo desrespeito do poder público com os moradores, que faz uso dos monumentos históricos para a produção de mercadorias a serem consumidas por pessoas alheias a história da cidade.

Esta realidade está gerando na população local um desconforto, pois os moradores dizem que pretendem abandonar à cidade em busca de possibilidades dialogarem efetivamente com uma cidade concreta, com a possibilidade de trabalho e relações que não fiquem restritas a uma vida idealizada por discursos segregadores.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista território**, Florianópolis, nº4, 1996.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **Geografia Contemporânea de Goiás**. Goiânia: Vieira, 2006.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. In: PIMENTA, Luis Fugazzola; PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. 3 ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

ESTEVAM, Luís. **O tempo da transformação estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás**. Goiânia: do Autor, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **O direito á cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás (1722-1972)**. 6 ed. Goiânia: UCG, 1994.

PROENÇA, Maria Cristina Oliveira. **A Cidade e o Habitar no Pensamento de Henri Lefebvre**. Dissertação (mestrado em filosofia). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2011.

SILVESTRE, Wender da Silva. **Transferência da capital do estado de Goiás para Goiânia: política territorial e modernização econômica**. Monografia (Licenciatura em Geografia). Unidade Universitária de Goiás, Universidade Estadual de Goiás, 2009.

SILVA, Ana Lúcia da. **A revolução de 30 em Goiás**. Goiânia: Cãnone Editorial e Agepel, 2001.

TEIXEIRA, Tereza Cristina Diniz. **A educação patrimonial na educação escolar no lyceu de goyaz**. Monografia (Licenciatura em Geografia). Unidade Universitária de Goiás, Universidade Estadual de Goiás, 2009.

APÉNDICE

APÊNDICE 01 - Questionário aplicado a população dos bairros selecionados.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS/UNIDADE DE GOIÁS
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
PESQUISA MONOGRÁFICA

QUESTIONÁRIO

1 Identificação e caracterização socioeconômica

1. Idade: _____
2. Sexo: () masculino () feminino
3. local de nascimento: _____
4. Atividade profissional: () serviço público () autônomo () comércio ()
domestico
outros: _____
5. Escolaridade: () Analfabeto () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino
Fundamental Completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio
Completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo
6. Faixa Salarial: () até 1 SM () de 1 a 3 SM () de 3 a 5 SM () de 5 a 10 SM
() Acima de 10
7. Há quanto tempo reside na
cidade: _____
8. Morou em outras cidades: () não () sim
Quais: _____
9. Você trabalha em Goiás? () Sim () Não

**2 Percepções sobre a cidade de Goiás e Título de Patrimônio Histórico da
Humanidade**

10. Em sua opinião, por que a cidade de Goiás recebeu o Título de Patrimônio Histórico da Humanidade? () Por sua história () Por interesses político-partidários

11. O título incluiu os cidadãos ou excluiu os mesmos? () Incluiu () Excluiu

12. Como você percebe a cidade depois do título? () Melhor () Pior () Não mudou nada

13. Para você, a economia da cidade melhorou depois do título? () Sim () Não

14. Com o título, a vida da população melhorou? () Sim () Não

15. O título trouxe benefícios para a cidade? () Sim () Não.

Se sim, os benefícios são para todos os bairros () Sim () Não.

Quais: _____

16. Para você a transferência da capital foi: () boa () ruim ()

3. Sobre a cidade

17. Quais as 03 coisas que mais gosta em Goiás:

18. Quais os 03 principais monumentos da cidade de Goiás:

19. Quais os 03 principais monumentos de Goiânia:

20. Quais os 03 principais problemas de Goiás:

21. A cidade oferece tudo o que você precisa? () Sim () Não

Se não, o que falta: _____

22. Você pretende sair de Goiás: () Não () Sim.

Por que: () questões familiares () oferta de trabalho () acesso a comércio e () serviço

Outros: _____

23. Para onde se mudaria: _____